

# FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DA ALFABETIZAÇÃO II Pedagogia Intercultural



Editores:

Capa: Mandala “Diversidade Intercultural etnocoletiva” é de composição da artista plástica Judite Malaquias.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Mônica Cidele da Cruz

Online - e - Impresso

## CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

K96f Kuhn, Ana Paula.

Fundamentos e metodologia da alfabetização II: pedagogia intercultural / Ana Paula Kuhn e Dulcilene Rodrigues Fernandes. – Cuiabá: VT Print Gráfica, 2020. 32. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 1).

ISBN: 978-65-00-14567-0

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Leitura e Escrita. I. Fernandes, Dulcilene Rodrigues. II. Título. III. Título: pedagogia intercultural.

CDU 37.014.22(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

## APRESENTAÇÃO

Você, acadêmico(a) do curso de Pedagogia Intercultural, está recebendo o primeiro caderno, de um grupo de quatro cadernos pedagógicos que irá receber. Cada um desses cadernos corresponde a um eixo temático planejado para ser trabalhado na 7ª etapa presencial, que deveria ter acontecido no Campus Universitário de Barra do Bugres.

Como a etapa não pode ser realizada no mês de julho/2020, por causa da pandemia da Covid 19 e, também porque muitos acadêmicos e acadêmicas têm dificuldade no acesso à internet, a Faculdade Indígena Intercultural decidiu junto à equipe gestora, de professores, equipe técnica e, junto aos estudantes, encaminhar a modalidade de ensino remoto específico, que tem como orientação a produção desses cadernos, organização de períodos de estudos e atendimentos por parte dos/as professores/as responsáveis pelo componente curricular, via WhatsApp, Facebook e, quando possível, utilização da plataforma meet.

Este caderno pedagógico foi construído em quatro unidades. Nas unidades I e II, estudaremos as concepções de alfabetização e letramento/letramento indígena. Buscaremos compreender a alfabetização em língua portuguesa e indígena, na perspectiva da política linguística. Objetivamos ampliar o conhecimento sobre as atividades orientadas de alfabetização: construção e vivências pedagógicas de alfabetização e análise de materiais didáticos para a alfabetização na língua portuguesa e indígena.

Nas unidades III e IV, vamos conversar sobre o que é a leitura e o que é a escrita voltada para a alfabetização no contexto intercultural e como isto acontece na prática pedagógica da alfabetização e letramento. Tentaremos focalizar questões de experiência com a linguagem que a criança tem com o convívio em comunidade, com a família e com outras crianças da aldeia até a sua chegada à escola. O objetivo principal é o de refletir a respeito de como a criança aprende a falar e como compreende o funcionamento da leitura e da língua escrita dentro do contexto de Letramento.

O processo educativo que está se iniciando tem como objetivo ajudar você acadêmico e acadêmica, com o estudo deste caderno pedagógico, compreender sobre alfabetização e letramento, bem como, orientar, a distância, nesta experiência de ensino remoto específico.

Compreendemos como ensino remoto específico a forma com que vamos dialogar através desse material escrito. É remoto porque vamos fazer diferente do que temos feito nas etapas presenciais, quando estamos no tempo universidade

em Barra do Bugres-MT e, também, porque atende a situação atual da pandemia da Covid 19 que nos obriga a mantermos distância, em isolamento social.

É muito importante que você esteja em contato via whatsapp, Facebook, plataforma meet, entre outros meios digitais para dialogar com as professoras responsáveis pelo eixo temático proposto.

Bons estudos!  
Abraços interculturais.

## Unidade I - Concepções de alfabetização e letramento/letramento indígena

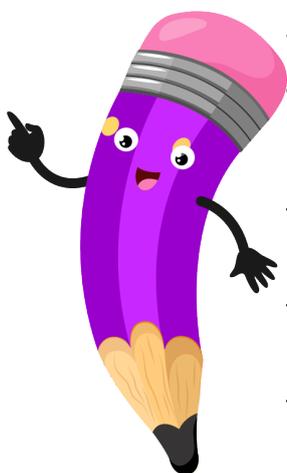
Querido acadêmico e acadêmica, nesta unidade, vamos centrar nossos estudos na concepção de alfabetização e letramento.

Para iniciarmos nossa leitura, gostaria de convidá-lo(a) a compreender o que a BNCC (2017) traz enquanto compreensão de tais conceitos. O documento manifesta atenção na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, visando a integração e continuidade nos processos de aprendizagem dos educandos, respeitando as especificidades de cada etapa. Torna-se indispensável determinar estratégias de adaptação, para que se construa, com base naquilo que a criança já sabe e é capaz de fazer, dando seguimento ao seu percurso educativo.

Conforme a BNCC (2017), nesse período as crianças estão vivendo grandes mudanças que repercutem em suas vidas pessoais e com os outros. A relação com vários tipos de linguagens permite ao aluno a participação no mundo letrado e novas construções de aprendizagens. Ampliam-se, também, a percepção, compreensão, representação, além das experiências que auxiliam no desenvolvimento da oralidade, que são elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA) e letramento.

Para Street (2006), trata-se do modelo ideológico, que orienta o letramento sob a perspectiva do empoderamento, ou seja, como os sujeitos, a partir da ativação de suas criatividade, usam suas habilidades de letramento em face às suas próprias necessidades contextuais.

Segundo a BNCC (2017), as experiências que o aluno(a) traz consigo do ambiente familiar, cultural e social, o contato com as tecnologias e memórias estimulam sua curiosidade e, assim, novas perguntas vão surgindo. Isso faz com que o(a) aluno(a) comece a ampliar sua compreensão de si mesmo(a) e do mundo social, das relações humanas nas quais ele(a) está inserido(a).



**Você poderia escrever o que pensa sobre isso? Todas as crianças têm a mesma oportunidade?**

---

---

---

Agora que você escreveu o que compreendeu até aqui, vejamos a concepção de alguns autores:

Para Sforzi (2016), a apropriação da linguagem escrita é ainda um dos problemas a serem resolvidos, pois, a partir do momento em que o(a) aluno(a) consegue alcançar a escrita alfabética, espera-se que ele(a) possua domínio da relação letra-som e da produção textual, desenvolvendo uma certa autonomia.

Brotto (2008, p. 11), faz-nos perceber que o alcance do letramento vai além da sala de aula e da leitura e escrita:

Letramento é um termo recente que tem sido utilizado para conceituar e/ou definir variados âmbitos de atuação e formas de participação dos sujeitos em práticas sociais relacionadas de algum modo à leitura e à escrita. Pode se referir a práticas de letramento de crianças em período anterior ao período de escolarização; à aprendizagem escolarizada da leitura e da escrita, inicial ou não; à participação de sujeitos analfabetos ou alfabetizados não escolarizados na cultura letrada, ou, ainda, referir-se à condição de participação de grupos sociais não alfabetizados ou com um nível precário de apropriação da escrita em práticas orais letradas. Letramento abrange várias situações em que diversas práticas são utilizadas para os tipos mais variados de indivíduo.

Ao falarmos da concepção de alfabetização e letramento indígena, nos reportamos a Ladeira (1981, p.171), quando destaca que o uso da língua indígena inicialmente na alfabetização é um recurso para a revitalização da cultura própria da etnia. A justificativa da alfabetização na língua indígena como um mecanismo significativo de reforço e coesão étnica, de valorização da cultura indígena, repousa nas afirmações do tipo:

É importante para o índio ver que sua língua vale tanto quanto a do não índio” ou a “língua indígena escrita está mais próxima da estrutura do pensamento indígena, e assim é capaz de melhor reproduzir os mitos, a sua cultura. (LADEIRA, 1981, p. 171).

O mesmo autor, afirma que para os indígenas que vivem no Brasil, a língua portuguesa torna-se um instrumento de defesa de seus direitos legais, econômicos e políticos e, conseqüentemente, um meio para ampliar o seu conhecimento e

também o da humanidade, cujo recurso para serem reconhecidos e respeitados, no que tange a sua diversidade, considerado um canal de suma importância para se relacionarem entre si e, portanto, para firmarem posições políticas comuns.

Você sabia que a interculturalidade nos permite afirmar que os Povos Indígenas participam de práticas de letramentos situadas, contextualizadas em seus territórios, e interagem com práticas de letramentos situadas em ambientes outros, culturalmente diferentes?



**Você poderia citar algumas dessas práticas?**

---

---

---

---

Em síntese, podemos dizer que o letramento é situado (KLEIMAN, 1995) e ideológico (STREET, 2006), no sentido de que é formado por valores e práticas culturais em que está envolvido. Afirmar que o letramento é ideológico quer dizer que os usos da escrita nunca são neutros e descontextualizados, como propõe o modelo autônomo de letramento



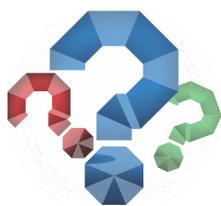
**Vamos refletir um pouco sobre o que estudamos até aqui!**

---

---

---

---



Você acredita que definir em que língua deve-se alfabetizar exige análise da situação linguística e das necessidades objetivas decorrentes do tipo de contato vivenciado e do grau de aculturação do grupo? E a participação efetiva da comunidade.

---

---

---

---

### **Bem, agora é o momento de falarmos um pouquinho sobre o letramento literário indígena!**

Ao interpretar os escritos de Graúna, entendemos que a literatura Indígena não se faz senão com um forte exercício da oralidade, uma vez que constitui um dos elementos essenciais da tradicionalidade e da ancestralidade do povo indígena.

Por meio da contação de histórias e dos cantos (considerados sagrados), melhor se compreende o conceito do saber ancestral. Nessa perspectiva, mito não significa mentira, mito é realidade, como sugere Mircea Eliade (1972). Essa consciência em torno da ancestralidade faz da literatura indígena um exercício do pensamento que pode ser revelado na feitura de um colar, de uma esteira e dos utensílios extraídos do barro; na textura da floresta, na plumagem e no canto dos pássaros; no coaxar dos sapos, anunciando a chuva; na convivência com os animais domésticos; na água, no ar e outros elementos da natureza. Estes são alguns aspectos que compõem a especificidade da literatura indígena. (GRAÇA GRAÚNA, 2014, p. 53)

## **Vejamos a narrativa do povo Pankararu:**

Quando chega a época da festa do umbu, nós Pankararu escolhemos as moças para dançar as quatro corridas.

Um dia, entre essas moças, havia uma jovem muito bonita, meiga e inocente. Leonor, era o seu nome. Ela estava vivendo, pela primeira vez, o dia que veio sua regra. Leonor não sabia que não podia comer comidas carregadas, como caças, por exemplo. Ela comeu um quarto de juriti.

Com o passar dos dias, Leonor foi ficando diferente, diferente... O povo dizia, que ela estava criando penas. Mas não eram penas. No seu corpo estava nascendo algo como escamas de peixe. Todos estavam ficando com medo dela.

Os índios sábios, que tinham o poder, combinaram prendê-la numa gruta, benzendo-a com arco, flecha e com a palavra.

Muitos dos nossos antepassados acompanharam e a viram sendo levada para serra. Lá, ela ficou presa nas ordens dos sábios Pankararu.

Quando os índios voltaram na gruta não mais encontraram Leonor, disseram que ela havia se encantado ou virado um bicho.

E, todos os anos, quando as moças iam buscar umbu no Barrial, chamavam por ela, gritando:

\_ Vamos Leonor! Vamos Leonor!

E ela respondia:

\_ Esperem por mim que eu também vou!

E ela respondia: - Esperem por mim que eu também vou!

Muitos anos se passaram até que ela deixou de responder. Dizem que a gruta onde Leonor foi colocada se fechou e a serra ficou conhecida como a “serra da Leonor”.

Fonte: (Professoras/es e lideranças Atikum, Kambiwá, Kapinawá, Pankará, Pankararu, Pipapã, Truká e Xicuru de Pernambuco. Meu Povo canta. Centro de Cultura Luiz Freire. Projeto Educação e Etnia, 2ª edição, 2006. Olinda, PE.)



Com base na sua história de vida, suas vivências, qual seria a sua interpretação ao ler a narrativa do povo Pankararu?

---

---

---

---

---

---

Lembre-se que as interpretações são diferentes, pois ao interpretar um texto verbal ou não verbal partimos das compreensões e vivências que construímos ao longo de nossas vidas.

A Serra da Leonor é mais que uma narrativa, é um ensinamento sobre o respeito, a cultura, as crenças, e principalmente o respeito aos mais velhos. O que eles nos ensinam, pra nós é lei. É impressionante o que sentimos ao nos aproximarmos da serra onde a moça sumiu; são sensações que só quem sente entende. Essa narrativa é marca registrada do Povo Pankararu.

Interpretação da professora Marilene da Silva Santos, Professora indígena Pankararu, graduanda do 6º período do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela UNEB, Campus VIII.

Munduruku (2011, p.01) nos ensina que:

Pensar a literatura indígena é pensar no movimento da memória para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade.

Pensar a literatura indígena é pensar no movimento da memória para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade.

Nesse sentido, entendemos que a escrita indígena como afirmação da oralidade faz do letramento literário indígena um instrumento empoderador da identidade do sujeito indígena, pois, como afirma Suzane Costa Lima (2011): “[...] a escritura nas aldeias são mais do que lugar comum: são valores coletivos e bens simbólicos.” O letramento literário indígena ganha pujança, então, no momento em que os próprios índios, a partir do seu território simbólico, a palavra oralizada e escrita, se conscientizam da sua força enquanto sujeitos empoderados do protagonismo na construção de sua própria literariedade. Segundo ALMEIDA (2009 apud GUESSE 2013),

A possibilidade de estarem os índios escrevendo em suas línguas e em língua portuguesa, publicando, sem, contudo, abandonarem suas próprias linguagens, traça no idioma mesmo do dominador uma geografia dos rebeldes, dos que se deixam ficar fora da chamada civilização ocidental. (...) na prática de uma escrita indígena em língua portuguesa, o propósito será de dar a ler ao mundo, dádiva que cria legentes, suas imagens e a imagem de suas vozes. Se as narrativas indígenas estavam restritas a condição de mitos, vivos na oralidade, mas letra morta nos registros científicos, agora, mudadas em texto elas fazem parte de uma estética do fulgor, da pujança, da repartição dos dons. (p. 61-66).

E é no sentido de contribuir para que a Literatura Indígena saia, cada vez mais, da invisibilidade, que lançamos mão da escritura singular e plural da poeta Graça Graúna, ao transcrevermos, na íntegra, o belíssimo poema de sua autoria:

Um e muitos juntos:

I

Na travessia  
amassar o barro  
dar tempo ao tempo  
curar a panela  
beber do pote  
a água da chuva  
e repartir  
o que vem da fonte  
o que vem da terra  
e as oferendas do mar

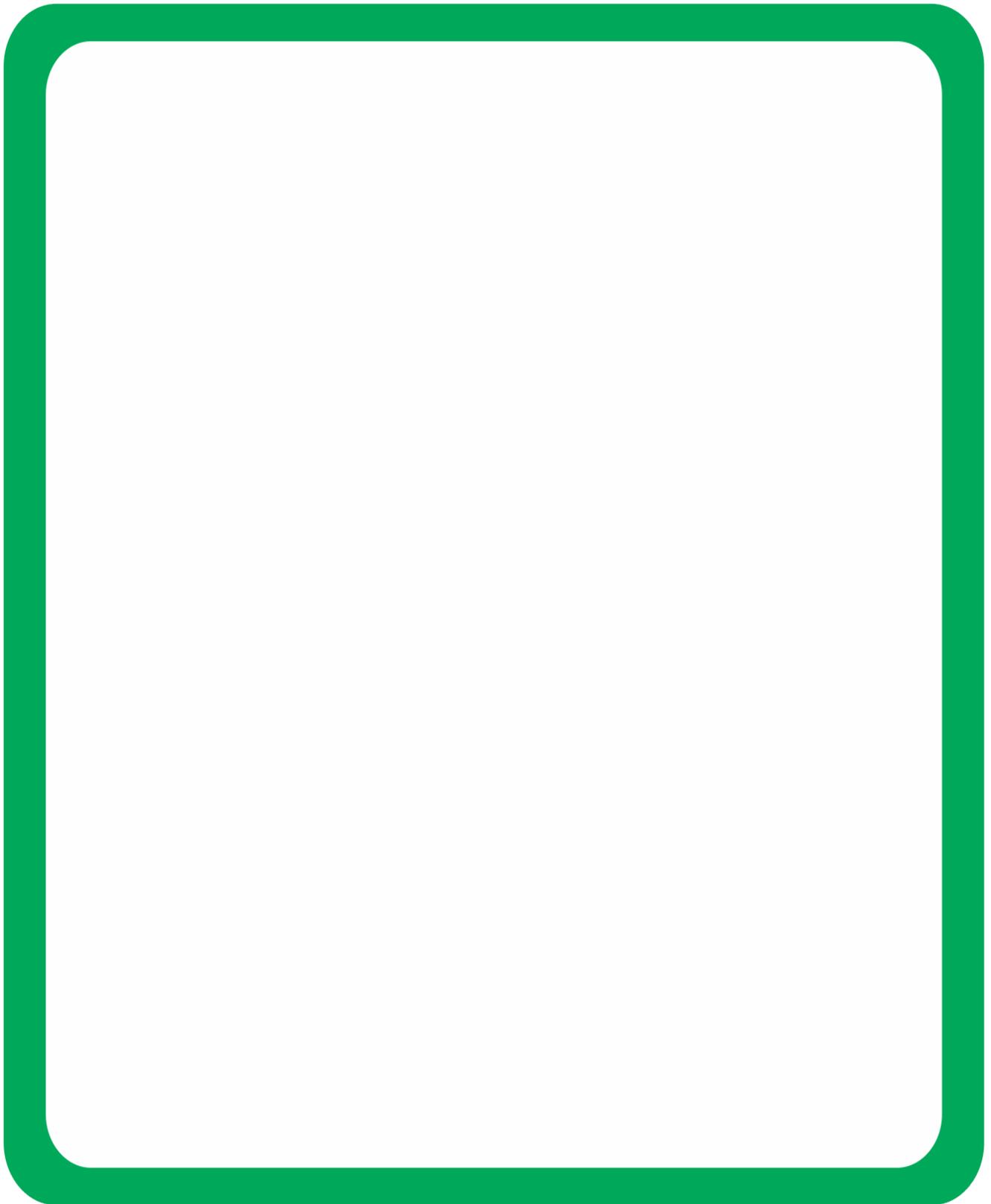
II

No caminho de volta  
no pé da Serra do Mar  
vislumbro uma árvore curvada pelo tempo  
suas raízes abraçam a terra  
e seguem o curso natural das águas  
onde mil pássaros alimentam  
seu eterno canto

III

Na travessia, só escuto  
e vou tecendo o colar  
em meio à saudade  
da minha aldeia.

Gostaríamos que concluísse esta unidade escrevendo e/ou desenhando como se sente ao ler o poema: *Um e muitos juntos*.



Se preferir escrever um poema de sua autoria, sinta-se à vontade!!!



## Unidade II – Alfabetização em língua portuguesa e indígena na perspectiva da política linguística

Nesta unidade, vamos conversar sobre como podemos alfabetizar nossas crianças! Que tal compreendermos a importância da alfabetização na língua materna e na língua portuguesa? Vamos lá!

Para a ciência linguística, não há línguas superiores nem inferiores, línguas primitivas ou línguas de civilização. Todas as línguas são iguais, todas elas têm uma estrutura linguística, e todas servem para a comunicação de seus falantes.

A alfabetização na língua indígena e o ensino para a aquisição da segunda língua deverão ser críticos e desalienantes, pois do contrário ambos esses processos servirão de base para a desvalorização das línguas indígenas, servindo como fontes para a dominação. A alfabetização na língua indígena e o ensino da segunda língua devem ser instrumentos básicos para que os indígenas sejam eles mesmos, mantenham a sua identidade étnica e adquiram autoconfiança para sua própria libertação (Veiga; Salanova, 2001, 134).

A produção de textos indígenas, mesmo em língua portuguesa, contribui também para que a sociedade envolvente conheça melhor as sociedades indígenas e, assim, se enriqueça culturalmente. Desta forma, os textos produzidos em língua portuguesa, nas escolas e comunidades indígenas, têm sido uma maneira privilegiada de divulgação dos conhecimentos tradicionais e de afirmação para as sociedades indígenas.

Acreditamos que esses materiais fornecem dados importantes sobre as diferenças culturais indígenas e suas tradições permitindo que, através deles, a diversidade cultural no país torne-se mais evidente e possa, assim, ser mais respeitada. Textos como estes também podem ser explorados por meio de desenho, solicitando aos alunos que produzam textos em forma de desenho sobre o que leram e, em seguida, escrevam sobre o que desenharam.

Você sabia que alunos iniciantes podem aprender a sequenciar fatos, localizar eventos e organizar ideias a partir de uma discussão oral, seja em língua indígena, seja em língua portuguesa, deve sempre preceder o trabalho com leitura e produção de texto?

Observe o texto abaixo, produzido por crianças do 2º ano do Ensino Fundamental em 2018, a partir do “Projeto Nossa Identidade”.



Fonte: <https://karlcrist23.blogspot.com/2018/06/projeto-nossa-identidade-e-diversidade.html?m=1>

O que você observa nos desenhos? A língua sempre foi utilizada como ferramenta de dominação por conquistadores e colonizadores. O letramento indígena pode ser visto como uma forma de resistência e de valorização da cultura indígena?



---

---

---

---

---

Para ampliar suas leituras visite o site: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/920/joselia-gomes-neves-alfabetizacao-e-letramento-indigena.html>

Compreendemos que os(as) alunos(as), deverão, na escola, entrar em contato com a maior diversidade de textos possíveis em ambas as línguas para que possam aprender, tirando deles o melhor proveito para sua necessidade e interesse.

Você sabe conceituar o que é texto? Consegue citar alguns exemplos que podem ser trabalhados na Alfabetização?



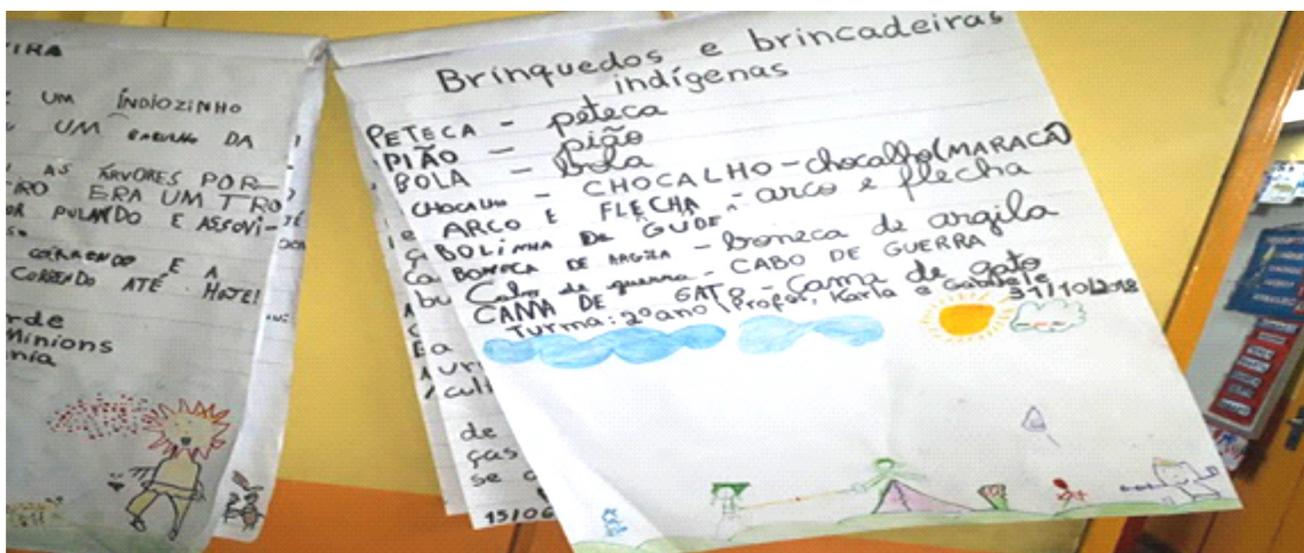
A Linguística vem, há muito tempo, conquistando o seu espaço nas discussões relativas ao ensino de língua materna, uma vez que seu objeto de estudo é a estrutura e o funcionamento das línguas naturais, deve ser adequadamente conhecido por quem, na escola, acompanha e orienta o processo de aquisição e domínio da modalidade escrita por parte dos falantes nativos de uma determinada língua.

O professor, ao lançar mão de conhecimentos da Linguística, passa a ver a criança como sujeito do processo de aquisição da leitura e da escrita em língua materna e português, isto é, um sujeito que, ao chegar à escola, ainda não traz uma representação do que seja ler e escrever, visto que possuem uma tradição de língua oral. Já para Cagliari (1989, p. 8), ler e escrever são atos linguísticos e, portanto, a compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização.

As crianças indígenas refletem sobre a sua língua. Desde muito cedo, elas contam com uma grande capacidade de analisar a linguagem, aliás, é isto o que elas fazem o tempo todo quando estão aprendendo a falar. Muitas são as oportunidades em que podemos observar a sua criatividade para encontrar soluções quanto ao arranjo da linguagem para se comunicar.

Na escola, esse processo pode ter continuidade para ela, desde que ali se valorize a sua experiência como ponto de partida para a aprendizagem da escrita.

Se, ao contrário, a escrita ortográfica for tomada como base para tudo no processo de ensino, essa capacidade natural de análise da linguagem, que a criança tem, pode ser sufocada, havendo grandes chances de insegurança, bem como, a dúvida sobre o que seja aprender a ler e escrever. Para que os (as) alunos(as) indígenas avancem nas habilidades de uso, tanto na modalidade falada quanto escrita da língua, é fundamental que ele(a) a exercite concretamente, comparando elementos, observando semelhanças e diferenças, nos mais diversos contextos e situações (dentro ou fora da escola). O importante, no momento em que as crianças indígenas estão aprendendo a escrever, é refletir sobre o funcionamento da língua materna e do português nos diversos domínios sociais da aldeia. E para que essa reflexão seja possível, não há como pensar em alfabetizar as crianças apenas silabando as palavras. Observe os textos abaixo: um com palavras fragmentadas e outro com um texto, cujas leituras nos trazem significados.



Fonte: <https://www.scielo.br/img/revistas/ciedu/v23n3//1516-7313-ciedu-23-03-0759-gf01.jpg>

## Espaço Tempo

O tempo é uma coisa que agente tem tempo de chegar nas aulas, tempo de lavar e limpar as casa, tempo de conversar tempo de jogar bola e ter espaço também. ter tempo de plantar as coisa no seu espaço e principalmente se quiser plantar mandioca tem que ter espaço sem espaço não sai plantação boa. ter espaço também e nas casa para brincar com os filhos e primeiramente ter tempo. na horta os mesmos sempre tem que ter espaço para fazer os contêiner sem espaço não sai horta. e preciso de seu tempo para fazer essas coisas. Quando agente fica deente tem que ter tempo para se recuperar novamente Espaço para descansar e para colocar a sua própria energia.

Fonte: <https://www.scielo.br/img/revistas/ciedu/v23n3//1516-7313-ciedu-23-03-0759-gf01.jpg>

As imagens acima poderiam ser utilizadas no processo de alfabetização?  
Comente.

---

---

---

---

---

---

O que se percebe é que a alfabetização transcende a prática do ler e do escrever, isto é, a alfabetização é um processo sócio-histórico multifacetado, envolvendo a natureza da língua escrita e as práticas culturais de seus usos. Segundo Frago (1993, p. 27), alfabetizar não é só ler, escrever, falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada.

É importante observar que a criança indígena, no decorrer de seu dia-a-dia, vivencia usos de escrita apenas na escola, percebendo que se escreve para comunicar alguma coisa, para auxiliar a memória, para registrar informações. Assim, recorreremos à escrita, através da leitura, para obter informações e buscar entretenimento. Portanto, está na hora de a escola indígena parar também de ensinar apenas a escrita, para dar espaço a outra prática, explorando as ideias, as emoções, as inquietações dos alunos, escrevendo e deixando-as escrever.

Partindo desse princípio, a escola indígena também precisa pensar a alfabetização como processo dinâmico, como construção social da escrita, fundamentada nas diferentes formas de participação das crianças.

Como você entende a afirmação acima?



Para Vygotsky (1998, p. 110), o ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia.

Vimos, ao longo de nossa exposição, que os letramentos são múltiplos e, as suas modalidades autônoma e ideológica, trazem sérias implicações para o mundo da escrita e da leitura. E, implicações, também, para o letramento literário, por força de sua função social, sobretudo, para os povos indígenas, cujas narrativas, ainda, se encontram na obscuridade. Como afirma Graça Graúna (2013),

A voz indígena configura uma estética diferente. Diante desta diferença, as academias em geral resistem em reconhecer a existência da literatura indígena.

Caro acadêmico e acadêmica, em nosso diálogo até aqui, esperamos ter contribuído, não somente com a exposição conceitual, mas, também, com comentários, embora sucintos, sobre os elementos de discussão: alfabetização, letramento e letramento literário indígena, para a ampliação da compreensão da sua importância social, e colocar em relevo a expressividade da literariedade indígena como empoderamento da identidade do povo indígena.



## Unidade III – A leitura e a escrita no contexto intercultural

Com o trabalho proposto para essa etapa de estudo remoto, vamos conversar sobre o que é a leitura e o que é a escrita voltada para a alfabetização no contexto intercultural e como isso acontece na prática pedagógica da alfabetização e letramento.

Tentaremos focalizar questões de experiência com a linguagem que a criança tem com o convívio em comunidade, com a família e com outras crianças da aldeia até a sua chegada à escola.

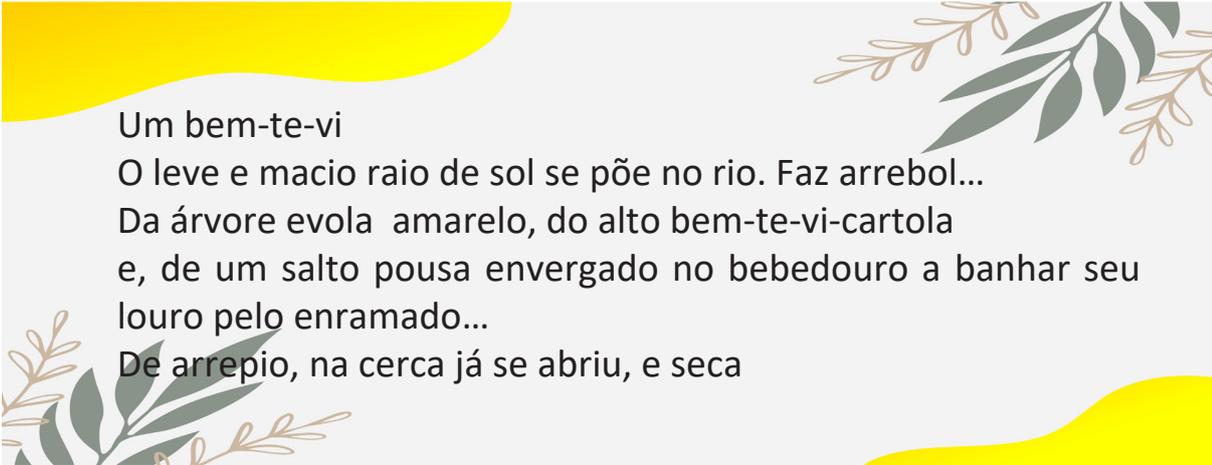
O objetivo principal é o de refletir a respeito de como a criança aprende a falar e como compreende o funcionamento da leitura e da língua escrita dentro do contexto de Letramento.

Em seguida a essa reflexão, vamos falar sobre algumas orientações pedagógicas para a alfabetização e para o Letramento nas comunidades e escolas indígenas.

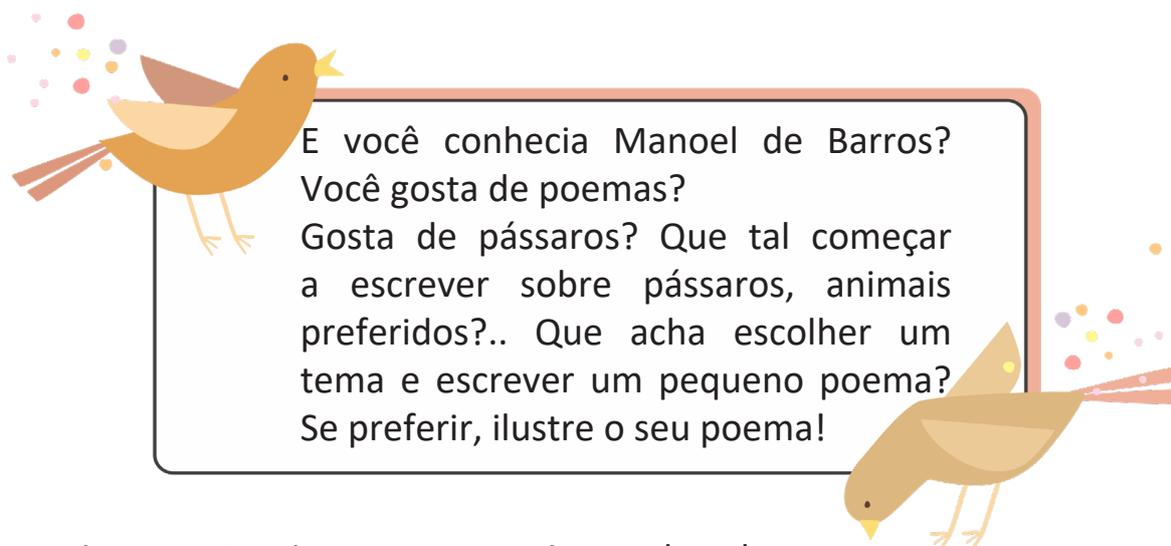
Que tal começarmos com uma leitura deleite?

Leitura deleite: É ler pelo simples prazer de ler! ... É a leitura só por prazer, para nos divertirmos e distrairmos. Contribui para a formação de leitores, pois desperta o gosto pela leitura e estimula a imaginação e a curiosidade.

Então vamos ler um poema de Manoel de Barros.



Um bem-te-vi  
O leve e macio raio de sol se põe no rio. Faz arrebol...  
Da árvore evola amarelo, do alto bem-te-vi-cartola  
e, de um salto pousa envergado no bebedouro a banhar seu  
louro pelo enramado...  
De arrepio, na cerca já se abriu, e seca



### A Leitura e a Escrita no contexto intercultural

**ESCRITA:** A escrita consiste na utilização de sinais para exprimir as ideias humanas. A grafia é uma tecnologia de comunicação, historicamente criada e desenvolvida na sociedade humana, e basicamente consiste em registrar marcas em um suporte.

A criança nasce pertencendo a um povo que já fala uma ou duas línguas. No caso da maioria dos povos indígenas, a língua materna e a portuguesa, e para alguns povos somente a língua portuguesa. E como aprendem? Aprendem de forma natural que é ouvindo as pessoas falarem. Com o convívio, a criança desenvolve a interação com as pessoas da família, da comunidade que a cerca possibilitando que seus primeiros sons, murmúrios, gritos, cantos, choros, aos poucos vão se transformando em palavras.

A criança, desde o momento do seu nascimento, é envolvida pelas linguagens, dentre as quais a linguagem verbal. Segundo Vygotsky (2000) a comunicação representa a função primordial da fala, o que nos leva a acreditar em pesquisas que apontam crianças com poucos meses de nascimento já sentirem a necessidade de fazerem uso de recursos comunicativos.

Veja que ao passo que a criança vai conseguindo emitir sons, cada vez mais é bombardeada de estímulos sonoros, de diferente natureza: a fala das pessoas que a cerca, os sons da música, dos aparelhos tecnológicos (telefone, televisão etc.) dos ruídos do ambiente e da natureza (animais), são sons que vão impulsionando a criança a repetir as palavras e diferenciando os sons.

Tudo isso vai acontecendo, conforme a criança vai se desenvolvendo, aprendendo, convivendo com os falantes da casa e da comunidade, tudo no seu tempo. E assim a criança vai observando a mãe, o pai, as avós, os irmãos quando

fala o nome dos alimentos, dos objetos, das pessoas, dos animais. Observa, escuta imita e de repente, no seu tempo, a crianças num movimento de repetição, começa a pronunciar e repetir as palavras do seu convívio. Falando assim parece ser algo fácil, na verdade é mais natural do que fácil, para a criança falar, como já dissemos, precisa de estar em constante estímulo e, isso, a mãe e os falantes do seu entorno fazem a todo instante.

À medida que a criança vai conseguindo produzir barulhos com a boca, cada vez mais, é carregada de estímulos sonoros, de diferentes maneiras: a fala das pessoas que a cerca, os sons da música, dos aparelhos tecnológicos (celulares, televisão rádios, aparelhos de som.) dos ruídos da natureza, do vento, dos animais, do canto dos pássaros, do latido dos cachorros. São sons que vão fazendo a criança repetir as palavras e diferenciar os sons.

Agora é para pensar e anotar: faça uma lista dos sons que as crianças da sua comunidade ouvem desde que nascem, quais elas mais gostam, quais elas têm medo, quais elas demonstram respeito...

É interessante lembrar que as pessoas não ficam esperando a pequenina, o pequenino pronunciar corretamente as palavras para conversar com eles, todos vão se esforçando para entender as pronúncias e isso faz com que o aprendizado da fala aconteça sem sofrimento para as crianças.

A pergunta então seria se para falar palavras, frases, textos as crianças aprendem ouvindo, observando as pessoas, fazendo tentativas, experimentando pequenas pronunciam até chegar às frases e textos mais complexos. E para aprender a ler e a escrever é possível seguir os mesmos passos do aprendizado da fala?

O aprendizado da língua escrita materna, bem como, da língua portuguesa está relacionado ao valor da escrita na comunidade, dependendo de outra pessoa que já domina, já escreve e pode colaborar na aprendizagem de ambas as línguas.

E onde o ensino da língua escrita vai acontecer? Geralmente é na escola. Desta forma, é preciso que a escola ofereça situações e oportunidades para contato e o sentimento a respeito da língua escrita, até porque a maioria das comunidades indígenas não possuem ambientes com muitos materiais escritos, diferente de uma grande cidade, onde há letreiros, placas de supermercados, nomes de farmácias, cartazes de propaganda, placas de trânsito e outros que estimulem a curiosidade para aprender a ler e para escrever.

Quando a criança chega ao ambiente escolar, ela estará em meio a situações bem mais desafiadoras do que se estivesse fora dela, isso acontece, porque a

escola é o local formal, social e culturalmente destinado ao desenvolvimento de dimensões intelectual, social ou cultural da criança.

Para pensarmos mais um pouco sobre o que o contexto das escolas indígenas oferece para a leitura e para a escrita no processo de alfabetização, a primeira coisa que tem que fazer é observar o ambiente social e cultural que cerca a escola da sua comunidade. Verificar se há cartazes, livros, se existe algum tipo de placas, avisos, por que independente do tipo de escrita, o contato e a visualização representam ótimos estímulos ao desenvolvimento da leitura.

Quando não houver indicações nas dependências da escola, o professor e os alunos podem escrever ilustrar e colar nos lugares em que há necessidade. É importante também saber quais as oportunidades de leitura que os alunos e pessoas que vivem na sua aldeia, na sua comunidade possuem. Observe nesses tempos de pandemia, quais são os incentivos à leitura e à aprendizagem da escrita que a escola da sua aldeia tem oferecido. Pense também como tem sido o processo de alfabetização de crianças e adultos na sua comunidade.

Se observar bem ao seu redor, nas brincadeiras, na escola, nas idas à cidade, a criança não espera a escola para pensar a respeito da escrita, principalmente, se ela vive em um ambiente em que o uso da escrita é importante. Ela começa desde cedo a prestar atenção nas pessoas que usam a escrita e nos suportes onde a escrita se faz presente.

É possível dizer que não há uma idade única para que a criança seja alfabetizada, por isso, temos que colocar a sua disposição materiais escritos para que o estímulo e a curiosidade em ler aconteça, assim ela vai pensar cada vez mais como escreve e para que serve a escrita.

Ouvir a leitura de histórias do povo sobre caçadas, pescarias, festas culturais, de um conto tradicional, encanta os adultos e as crianças. Essa ação mostra uma das finalidades da leitura que é a de ampliar experiências de letramento. Assim, precisa ser uma prática que acontece não apenas na escola, mas também em outros ambientes da aldeia.

Já falamos nesta unidade, sobre o que é Leitura e reforçamos afirmando que a leitura é um processo por meio do qual compreendemos a linguagem escrita. Para esse entendimento, é preciso compreender a importância tanto do texto (sua forma e conteúdo) como do leitor, suas expectativas, seus conhecimentos sobre o assunto e a finalidade com que faz a leitura.

Atenção quando a criança vive em um lugar em que os textos escritos não são fáceis de encontrar e neste ambiente ela não vê adultos lendo e escrevendo, ela terá menos oportunidades de refletir acerca da escrita. E para que possamos pensar a respeito da escrita, é preciso que tenhamos estímulo, experiências,

contato com diferentes gêneros textuais. Ou seja, para pensar a respeito da escrita, é preciso ter contato com a escrita.

A leitura na escola é peça fundamental para o aprendizado das crianças, isso quando o(a) professor(a) leva em consideração as práticas sociais e culturais existentes no cotidiano. Trabalhar a diversidade textual tanto na leitura, quanto na escrita possibilita docentes e discentes encontrarem grandes leitores e produtores de textos, que irão participar de forma reflexiva e participativa na sociedade.

A alfabetização e o letramento das crianças podem acontecer sem muito sofrimento, se considerar a realidade e a diversidade em que elas vivem. E quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores são as chances de elas gostarem de ler. Cabe acolher o interesse delas, uma vez que o espaço da leitura dever ser acolhedor e diversificado.

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e as situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético. (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 98).

Acreditamos enfim que é fundamental que o educador se coloque como mediador nesse processo, fazendo a intervenção na caminhada do futuro leitor, ou seja, dos pequenos da comunidade, a partir de uma metodologia para ensinar de forma prazerosa a leitura e a escrita. Aproveitar a roda de conversa antes e depois das inúmeras histórias contadas nos quintais, nas caminhadas, no interior das casas, porque além de motivarem as crianças à leitura, cria expectativas sobre o que irão escutar e levam as crianças a elaborar hipóteses e fantasias em seu mundo imaginário.



## **Unidade IV – Orientações de práticas pedagógicas para a alfabetização e para o letramento**

Para iniciarmos a conversa sobre o tema da Unidade IV, vamos apreciar um segundo poema de Manoel de Barros que fala de sonhos, da imaginação, da alegria e fala também da graça de ser criança. A poesia desse poeta de Mato Grosso desperta a criança que existe dentro de cada um de nós. Estamos falando de poesia. Acordar, levantar, sentir, acolher, trabalhar, educar, viver...

E, realmente, fazer tudo isso, em meio ao período pandêmico que estamos vivenciando, onde sonhos são pesadelos, trabalho é insegurança, viver é incerteza, educar é desafiador, alfabetizar letrando... então é ... só pode ser poesia. Poesia porque não desistimos, vemos em nossa maior dificuldade uma oportunidade única de carregar água na peneira, roubar vento e criar um peixe no bolso.

Então ... era um menino que carregava água na peneira...

### **Uma leitura para apreciar...**

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira  
era o mesmo que roubar um vento e  
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo  
que catar espinhos na água.

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces  
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino  
gostava mais do vazio, do que do cheio.

Falava que vazios são maiores e até infinitos. Com o tempo aquele menino  
que era cismado e esquisito,  
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que

escrever seria o mesmo  
que carregar água na peneira.  
No escrever o menino viu  
que era capaz de ser noviça,  
monge ou mendigo ao mesmo tempo.  
O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor.  
A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens,  
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

Manoel de Barros

Nesta unidade, teremos um diálogo com teóricos que discutem algumas práticas para a alfabetização e o letramento. Faremos uma reflexão de como a criança aprende a ler e a escrever.

Todos têm uma história para contar, umas boas, outras não tão boas. O importante é falar sobre como você se alfabetizou para pensar e refletir como futuro pedagogo e pedagoga sobre as práticas da época em que você aprendeu a ler e escrever.

Agora é com você! Escreva sobre a sua história da alfabetização. Quem te ensinou a ler e a escrever, quem foi sua ou eu primeiro professor, em qual língua foi alfabetizado, quais eram as suas histórias, contos, lendas que ouvia na época em que foi alfabetizado, enfim, registre a sua história.

Ângela Kleiman nos diz o seguinte:

Aprender a ler e a escrever é um processo de aculturação, de aprendizagem das práticas sociais de um grupo social diferente do grupo ao qual pertencem os jovens e adultos não escolarizados".  
(KLEIMAN, 2001, p. 236)

Para aprender a ler e a escrever é preciso conviver e interagir com as diferentes unidades linguísticas que devem ser trabalhadas em todos os espaços educativos. Isso quer dizer que não precisa ser só na sala de aula, em qualquer espaço é possível ensinar, é permitido alfabetizar.

Mas como podem ser trabalhadas na alfabetização as diferentes unidades linguísticas?

Para alfabetizar, considerando as múltiplas unidades linguísticas, a criança precisa brincar, cantar, ouvir histórias, declamar, memorizar, construir um repertório de palavras e textos, precisa também identificar, comparar e analisar palavras, frases e textos.

E por onde começar? É importante e necessário, primeiro aprender com a linguagem corporal, ou seja, aprender com o corpo inteiro, com lugar onde se vive, com os banhos de rio, com tudo que os quintais oferecem com as idas às coletas de frutos, e outros materiais que, para elas que são pequenas, é permitido. E por fim, aprender com textos, com palavras e com as letras.

A alfabetização é um processo em permanente construção, que não se inicia em um momento determinado e nem se restringe a rituais repetitivos de leitura e de escrita. A alfabetização começa na própria vida, quando as crianças gesticulam, esboçam sorrisos, movimentam seu corpo, situam-se no espaço, no tempo, fazem a leitura de si mesmas, de suas mãos, de seus gestos, de gestos de outros, leem outros sorrisos, expressões de aprovação, desaprovação. É um processo que segue pelos caminhos do lúdico, de práticas sociais de leitura e de escrita, que se relacionam ao grau de letramento da instituição familiar ou da instituição escolar ou pré-escolar e dos espaços por onde anda a criança e ao modo como se estabelecem as interações. (PDE Mais Educação, Série Caderno Acompanhamento Pedagógico – Caderno de Alfabetização. 2015.)

Para aprender a ler e a escrever, é necessário olhar, sentir, experimentar, descobrir, cantar diferentes cantos da cultura que são permitidos para criança, cantar musiquinhas de criança, dançar, jogar, pois é convivendo, compartilhando e cooperando que a alfabetização diferenciada e de qualidade vai acontecer nas comunidades indígenas.

E como tudo isso vai acontecer? Vai acontecer quando colocar em prática, quando planejar encontros ou aulas de alfabetização que considerem a exploração de variados materiais de leitura, de desenhos, de embalagens, rótulos, bulas de remédio, e todos materiais escritos disponíveis na comunidade, considerando também toda a vivência da criança na sua aldeia.

Na medida em que as crianças caminham na alfabetização, produzem esquemas mentais de textos, palavras, ouvindo e fazendo tentativas de leituras

e escritas mesmo sem saber. Se pensarmos em televisão, em vídeos, filmes, (sabemos que muitas crianças hoje em suas comunidades têm acesso a esses meios eletrônicos/ tecnológicos), é farto meio de leitura, ou seja, há uma riqueza de imagens, de palavras, de textos. O que precisa ficar claro é que as crianças podem aprender e elas são facilmente alfabetizáveis.

## **Ambiente alfabetizador**

Se todas as crianças são alfabetizáveis, é preciso considerar que essas estão em momentos diferentes de suas aprendizagens. Os espaços, os recursos previstos no planejamento são responsáveis e precisam estar a favor da aprendizagem.

O espaço tem sua beleza, seu encanto, mesmo que seja em baixo de uma árvore, na beira de um rio, no quintal da casa, no pátio da escola e na própria sala de aula. Desta forma, é primordial criar ambientes agradáveis e possíveis para a aprendizagem. O lugar para alfabetizar, as atividades, os projetos, os planos de aula precisam ser bonitos, organizados, agradáveis. Precisa tocar o coração, a criança e o professor precisam querer estar e pertencer a esse ambiente alfabetizador. É preciso ter a identidade, é preciso ser diversificado, alegre, cultural, é necessário ter muito amor e cuidado para que todos aprendam a ler e a escrever.

Estudos têm nos ajudado a compreender como as crianças aprendem a ler e escrever e, como já foi dito, elas fazem um caminho que se inicia antes de sua entrada na escola.

Os estudos de Jean Piaget sobre a formação de símbolo nas crianças mostraram o percurso feito por elas, por meio das etapas da imitação, da imitação diferida e do jogo simbólico até a constituição do processo de simbolização.

Vygotsky, na teoria sociointeracionista, estudou a relação entre pensamento, linguagem oral e escrita.

Emília Ferreiro e suas colaboradoras estudaram a psicogênese da língua escrita ou a origem do conhecimento da escrita, que é caminho que as crianças percorrem na apropriação da língua escrita. Volta-se para a compreensão de como elas aprendem. As pesquisadoras descobriram fases no desenvolvimento da compreensão da escrita que deram os nomes de pré-alfabéticas (pré-silábica e silábica), alfabéticas e pós-alfabéticas (já incluindo ortográfica) as “etapas” percorridas pela criança até a construção do sistema de escrita alfabético.

Na verdade, a Psicogênese da língua escrita é um assunto que iremos aprofundar em outro momento, no entanto, o caminho percorrido até aqui indica caminhos para entender como se ensina e como que a criança aprende.

Atividades práticas que possibilitam viver os processos de ler e escrever:

Explorar múltiplos materiais de leitura;  
Escrever mesmo quando ainda não se sabe escrever;  
Ler quando não se sabe ler, (de preferência utilizar leitura do cotidiano das crianças);  
Utilizar e viver a sala de aula ou outros espaços, como uma biblioteca cheia de livros;  
Jogar, trabalhar, brincar com palavras, letras e frases móveis;  
Contar história a partir do desenho;  
Desenhar todos os dias e arriscar sempre escrever sobre o que desenhou;  
Construir textos coletivos.

É preciso planejar para alfabetizar, o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente Libâneo (1994).

Continuando nossa conversa, apresentamos algumas questões:

Planejar para quê? Por quê? O quê? Para quem? Com o quê? Em que espaço? Com que materiais? Com quais temperos? Com quais cheiros? Com quais sabores? Por quanto tempo? Rotina é necessário?

E quem planeja é o professor, a professora.

O(a) professor(a) é o organizador(a) da situação didática. É o(a) parceiro(a) mais experiente das crianças, adolescentes. É o(a) formador (a) das crianças. O modelo de cidadão.

Agora vamos planejar um encontro, uma aula de alfabetização, considerando as dicas acima, sem se esquecer de valorizar e especificar a realidade cultural da sua comunidade.

Planejamento para a alfabetização:

O quê? (Tema)

Para quê? (Justificar o tema)

Por quê? (Os objetivos)

Para quem? (Para crianças na fase de alfabetização)

Com o quê? (Especificar os materiais que irá usar)

Em que espaço? (Será na escola, em casa, no quintal?)

**Um excelente trabalho a todos e até breve!**

## Referências Bibliográficas

BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, Brasília, 2017, p.1-113.

BROTTO, I. J. O. Alfabetização: um tema, muitos sentidos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2008.

FERREIRO, E. Reflexões sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização & linguística. São Paulo: Scipione, 1997.

FRAGO, A. V. Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. A importância do ato ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1985.

GRAÚNA, G. Literatura: Diversidade Étnica e outras Questões Indígenas. [http://www.todasasmusas.org/10Graca\\_Grauna.pdf](http://www.todasasmusas.org/10Graca_Grauna.pdf). Acesso em 31 maio de 2014.

\_\_\_\_\_ <http://www.ggrauna.blogspot.com.br/2013/04/um-e-muitos-juntos.html>. Acesso em 31 maio de 2014.

KLEIMAN, A. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In: \_\_\_\_\_ (org) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_\_ Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Linguagem e letramento em foco. Linguagem nas series iniciais. Ph.D. em linguística pela Universidade de Illinois. Professora titular em linguística Aplicada no IEL/UNICAMP. Cefiel/iel/unicamp, 2005-2010. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/5710.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MENDONÇA, M. Gêneros: por onde anda o letramento? / organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1ed., 1reimp. –Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152 p. I S B N 8 5 - 7526 - 1 6 1 - 4 1. Disponível em:<[http://www.ufpe.br/ceel/ebooks/Alfabetizacao\\_letramento\\_Livro.pdf](http://www.ufpe.br/ceel/ebooks/Alfabetizacao_letramento_Livro.pdf)>. Acesso em:18 abr. 2013.

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Cadernos da Educação Infantil. MEC: Brasília, 2015/ 2016/ /2017.

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular. MEC: Brasília, 2017.

\_\_\_\_\_. Ensino fundamental de nove anos. MEC: Brasília, 2007. RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas) – Brasília 1998.

RODRIGUES, R. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p. il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19). Disponível em: [albetizar\\_letrando](#)>. Acesso em: 18 abr. 2013.

LIMA, Suzane Costa. Das escritões às escrituras: exercícios de inestética. <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0998-1.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

MUNDURUKU, D. O banquete dos deuses. São Paulo: Angra, 2000.

RUFINO, C.; GOMES, W. A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola. São José dos Campos: Univap, 1999.

SFORNI, M. S. F. Um olhar para a alfabetização mediados por conceitos da teoria Histórico-Cultural. Rev. Teoria e Prática da Educação. Maringá, v. 19, n.3, p. 07-18, Setembro/Dezembro 2016.

SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. Petrópolis – RJ – vozes, 2004. Ministério da Educação e Desporto Secretaria de Educação Básica Fundamental.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo, n. 8, p. 465-488, 2007.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988

## Biografia das autoras



**Ana Paula Khun** é graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Especialista em Formação de Orientadores acadêmicos para a Modalidade de Educação a Distância pela UFMT e também em Gestão e Planejamento Escolar, pela Associação Varzeagrandense de Ensino e Cultura. Desde 2007, é professora efetiva da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) na área de Metodologia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando por cinco anos como orientadora acadêmica no Curso de formação de professores na Modalidade a Distância oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso.



**Dulcilene Rodrigues Fernandes** possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992) e mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2007). Atualmente é supervisora educacional - Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Orientação e Aconselhamento, atuando principalmente nos seguintes temas: xi encontro de pedagogia, pedagogia 20 anos: trajetórias e perspectivas, formação. professores indígenas. rito de passagem., produção do povo indígena para apoio didático e propostas metodológicas.



**UNEMAT**

*Universidade do Estado de Mato Grosso*  
*Carlos Alberto Reyes Maldonado*

